



CORONAVÍRUS, DISCURSO E OPINIÃO PÚBLICA: A VIDA OU O LUCRO

Gilberto Paulino de Araújo (UFT-Arraias/GEPL)

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que e com que se luta, é o próprio poder começando a se formular, à meia voz, no murmúrio das coisas, assenhoreando-se dos discursos. (Daniel Iberê - A serpente do capital).

Resumo: Em 2020, o coronavírus tornou-se um dos assuntos mais comentados e principal pauta da agenda de saúde pública ou vigilância sanitária no mundo. No que diz respeito ao Brasil, dois discursos polarizados foram construídos sobre o tema: de um lado, o negacionismo dos riscos ou da gravidade do coronavírus; de outro, a defesa do distanciamento social como principal medida de prevenção e/ou combate ao coronavírus. Nesse contexto, o presente artigo discute os desdobramentos desses discursos em nossa sociedade a partir de posicionamentos da opinião pública. A metodologia empregada é de caráter bibliográfico, tendo como base a revisão de autores que tratam da temática relativa à crise de saúde pública ocasionada pelo coronavírus e seus efeitos globais (ALTIERI & NICHOLLS, 2020; DAVIS, 2020; HARVEY 2020). Os elementos qualitativos do estudo pautam-se na análise de textos/obras referenciadas sob o viés da Ecolinguística/Linguística Ecológica (COUTO, 2007; 2016; STIBBE, 2017). De maneira mais específica, a discussão fundamenta-se na Análise do Discurso Ecológica (COUTO & COUTO, E., 2016; COUTO, E. & ALBUQUERQUE, 2015). O debate sobre o coronavírus em nosso país tem revelado determinadas práticas sociais e discursivas que nos remetem a um clima de tensionamento político-social causado, principalmente, em razão dos pronunciamentos e atitudes do presidente Jair Bolsonaro.

Palavras-chave: Coronavírus; Opinião Pública; Análise do Discurso Ecológica; Linguística Ecológica.

Abstract: In 2020, coronavirus became one of the main topics of discussion on the public health or health surveillance agenda in the world. With regard to Brazil, two polarized discourses arose:

on the one hand, the negation of the risks or severity of the coronavirus; on the other, the defense of social isolation as the main measure for preventing and/or combating coronavirus. In this context, this article discusses the consequences of these discourses in our society based on some public opinions. The methodology employed is bibliographic, based on the review of authors who deal with the theme, including its global effects (ALTIERI & NICHOLLS, 2020; DAVIS, 2020; HARVEY 2020). The qualitative elements of the study are based on the analysis of texts/works referenced from the perspective of Ecolinguistics/ Ecosystem Linguistics (COUTO, 2007; 2016; STIBBE, 2017). More specifically, the discussion is based on Ecological Discourse Analysis (COUTO & COUTO, E., 2016; COUTO, E. & ALBUQUERQUE, 2015). The debate about coronavirus in our country has revealed certain social and discursive practices that lead us to a climate of political and social tension caused, mainly, by the pronouncements and attitudes of President Jair Bolsonaro.

Key-words: Coronavirus; Public opinion; Ecological Discourse Analysis; Ecosystemic Linguistics.

Introdução

Em "A Teia da Vida", título original *The Web of Life*, Capra (1996) dedica o primeiro capítulo da obra à apresentação e discussão da Ecologia Profunda - movimento ecológico mundial fundado pelo filósofo norueguês Arne Naess. A Ecologia Profunda apoia-se numa visão de mundo holística, isto é, considera a vida a partir das inter-relações entre os organismos, os sistemas sociais e os ecossistemas - em todos os níveis dos sistemas vivos.

O movimento filosófico da Ecologia Profunda serviu de base para estudiosos de diferentes áreas que têm buscado romper com o antropocentrismo, tecendo críticas à perspectiva fragmentada/disciplinar do conhecimento, assim como aos modelos político-econômicos de sociedade pautados na visão utilitarista da natureza e do próprio ser humano, que atribui valor meramente instrumental ou comercial às florestas, às águas, à terra, assim como subjulga, explora e discrimina determinados grupos étnicos e suas culturas, línguas, tradições, religiões etc. Dito de outro modo, que coloca em risco a diversidade biológica, cultural e linguística.

Embora seja comum na literatura mais recente a referência ao paradigma ecológico como 'novo' ou 'emergente', Couto (2007) ressalta que este tem suas bases fundamentadas desde a segunda década do século XX. Em sua obra *Ecolinguística: estudo das relações entre Língua e Meio Ambiente*, o autor apresenta de forma detalhada os princípios que alicerçam o pensamento ecológico ou os princípios básicos da ecologia: o holismo, as inter-relações, a adaptação, a evolução, a porosidade, a diversidade e a visão de longo prazo.

ECO-REBEL

Podemos, então, destacar alguns importantes pensadores responsáveis pelas discussões, estudos e pesquisas que colaboraram com o desenvolvimento do paradigma ecológico:

O físico Fritjof Capra é um de seus mais ardorosos defensores, como se pode observar em todas as suas publicações. Na sociologia, William Catton & Riley Dunlap; na economia Ernst Schumacher; na psicologia, Urie Bronfenbrenner e Theodore Roszak; na filosofia/psicologia Gregory Bateson; na linguística, Enniger & Haynes (1984) e Fill (1993) etc. (COUTO et al, 2016, p. 8).

De modo semelhante, no artigo "Fundamentos Filosóficos da Linguística Ecológica e da Análise do Discurso Ecológica", Silva(2017) destaca outros autores que têm se dedicado a pesquisas relacionadas às questões ou princípios ecológicos: Arne Naess, Fritjof Capra, Bruno Latour, Edgar Morin, Enrique Leff, Boaventura de Sousa Santos, Alwin Fill, Hildo H. do Couto, dentre outros.

A referência a todos estes cientistas é aqui feita com vistas a ressaltar como o paradigma ecológico possui representantes em diferentes campos do saber e se revela como elemento fundamental em busca da superação da crise ambiental em que vivemos, principalmente diante do atual contexto em que o mundo é acometido pela pandemia do Novo Coronavírus (Sars-CoV-2 ou Covid-19)¹.

Desse modo, tendo em vista que o 'coronavírus' tornou-se um dos assuntos mais comentados e principal pauta da agenda de saúde pública ou vigilância sanitária no mundo, podemos dizer que este se tornou objeto do discurso. Num olhar mais específico, é possível afirmar que, no caso do Brasil, dois discursos polarizados foram construídos sobre o tema: de um lado, o negacionismo dos riscos ou da gravidade do coronavírus (doravante 'negacionismo do coronavírus'); e de outro, a defesa do distanciamento social como principal medida de prevenção e/ou combate ao coronavírus (adiante trataremos como 'defesa do distanciamento social preventivo').

Nesse contexto, este artigo tem por objetivo promover a reflexão sobre o significado do discurso negacionista dos riscos ou da gravidade do coronavírus, tendo como foco os pronunciamentos (e atitudes) do chefe de Estado brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, sobre o assunto. Além disso, verificar os desdobramentos desse discurso em nossa sociedade a partir do posicionamento da opinião pública, que tem defendido o distanciamento social como principal

¹ Adiante nos referimos ao termo como: coronavírus ou Covid-19.

medida de prevenção e/ou combate ao coronavírus - compreendido aqui como o segundo discurso em torno do tema.

A metodologia empregada é de cunho documental a partir de textos que circularam em jornais e revistas da internet no primeiro trimestre de 2020 (os *links* e datas de acesso encontram-se nas notas de rodapé). O caráter bibliográfico da pesquisa encontra-se na revisão de autores que tratam da temática relativa à crise de saúde pública ocasionada pelo coronavírus e seus efeitos globais, dentre eles: Altieri e Nicholls (2020), Davis (2020), Harvey (2020).

Os elementos qualitativos do estudo pautam-se no diálogo e na interpretação dos textos/obras referenciadas a partir da Ecolinguística - campo da Linguística que tem se dedicado ao estudo da inter-relações entre língua e meio ambiente, isto é, aos estudos dos fenômenos linguísticos de uma perspectiva ecológica ou sob o paradigma ecológico.

No caso da vertente da Ecolinguística praticada no Brasil, podemos destacar a Linguística Ecosistêmica, que recebeu esta denominação pelo fato de ter o ecossistema como o conceito central. Assim, "a língua é estudada como parte de um ecossistema linguístico (exoecologia linguística), mas contendo ecossistemas em seu bojo (endoecologia linguística) (COUTO, 2012).

Para fins do presente artigo, a discussão fundamenta-se na Análise do Discurso Ecológica (ADE), ramo da linguística ecosistêmica que busca compreender as questões de discurso². "A base dessa disciplina se centra [...] no processo comunicacional e nas interações que se constituem numa rede complexa à qual se denomina ecossistema linguístico, porém, busca-se um posicionamento ativo por parte do pesquisador em relação ao mundo". (SILVA, 2017b, p. 83).

Muito além das questões relativas à saúde pública, veremos que o debate sobre o coronarvírus em nosso país ganhou outras dimensões, passando a compor determinadas práticas sociais e discursivas que nos remetem a um clima de tensionamento político-social causado, principalmente, em virtude dos pronunciamentos e atitudes do presidente Jair Bolsonaro, que gerou desdobramentos por parte da opinião pública.

² Ver: Couto E. et al. (2014), Couto E. & Albuquerque (2015), Couto & Couto E. (2016), Dourado (2017) e Silva S. (2017b). O detalhamento das obras encontra-se nas referências.

O coronavírus, o presidente e a opinião pública

A pandemia causada pelo Covid-19 deflagrou um quadro de crise global em consequência da dificuldade e, até mesmo, incapacidade dos sistemas de saúde atenderem as pessoas acometidas pela doença. Tal fato levou os governos de diversos países a adotarem medidas de isolamento social preventivo e obrigatório³ com o fechamento de fronteiras (aéreas, marítimas e terrestres), suspensão de aulas em escolas e universidades, suspensão de atendimentos em comércios, bancos, órgãos/instituições públicas e privadas, e em muitos outros setores da sociedade.

Desde os primeiros casos de contágio, adoecimento e morte em Wuhan, província de Hubei, na China, em novembro de 2019, as atenções estiveram voltadas para a real capacidade de expansão do vírus e seus efeitos sobre a saúde das populações para além do território inicialmente afetado.

O quadro avassalador em consequência do número de mortes em solo chinês - que somente foi 'controlado' após quatro meses do anúncio dos primeiros casos - não foi suficiente para que os demais países adotassem medidas para contenção do coronavírus, resultando no quadro de pandemia. Em todo o mundo, o Covid-19 deixou (e continua a provocar) um rastro de morte. Até 30 de março de 2020, a Itália se apresentava como um dos territórios mais afetados, chegando à marca de 11.591 óbitos, segundo dados da Agência de Proteção Civil⁴. Cerca de dois meses depois (em 02 de junho de 2020), os Estados Unidos ultrapassaram em muito este número: 106.876 mortos.⁵

No caso do Brasil, o primeiro registro de confirmação do coronavírus foi anunciado pelas autoridades de saúde pública em 26 de fevereiro de 2020. O primeiro óbito em 17 de março. Infelizmente, em 02 de junho de 2020, atingimos o total de 31.199 pessoas mortas pela doença⁶. Assim como em outros países, a população brasileira tem vivido momentos de insegurança, medo e constante preocupação, tendo em vista o crescente número de pessoas infectadas, hospitalizadas e óbitos pela pandemia.

³ Também utilizamos ao longo do texto o termo de forma simplificada: isolamento social.

⁴ Informações pautadas em: < <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/reuters/2020/03/30/italia-registra-mais-812-mortes-por-coronavirus-mas-novos-casos-tem-forte-queda.htm?>>. Acesso em 31/03/2020.

⁵ Segundo relatório publicado pela Agência Pan-Americana de Saúde em 04/06/2020: < <https://ais.paho.org/phip/viz/COVID19Table.asp> >.

⁶ Publicado em 02/06/2020 - BBC News Brasil. Ver: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51713943>>.

ECO-REBEL

Nesse contexto, outro ponto passou a ser considerado nas discussões sobre o coronavírus no Brasil. Os debates ganharam a atenção da opinião pública, tendo em vista os pronunciamentos e atitudes do Presidente Jair Messias Bolsonaro, que foram na contramão das recomendações de sua equipe técnica, inclusive contrários ao que defendia o ex-Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Na coletiva do dia 24 de março de 2020, o presidente Jair Bolsonaro enfatizou que houve, por parte da imprensa brasileira, a criação de um estado de pânico e histeria em massa devido a forma como as notícias sobre o Covid-19 foram divulgadas nos diferentes meios de comunicação.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país [...] (Pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro em 23/03/2020)⁷.

Somado a isso, o presidente defendeu a ideia de que o país deveria retomar a 'normalidade' sob o risco da economia colapsar diante das ações tomadas por alguns governadores (a exemplo do Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro), que se anteciparam à esfera federal e adotaram o isolamento social⁸ como principal medida de contenção do Covid-19. Nas próprias palavras do presidente: "O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar, empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar a normalidade"[...] ⁹ (grifo nosso).

Do ponto de vista linguístico ou de uma perspectiva Ecolinguística, de modo mais específico da Análise do Discurso Ecológica (ADE), os enunciados "nossa vida tem que continuar" e "devemos, sim, voltar a normalidade", permitem inferir que estes integram/ compreendem o

⁷ Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?>>. Acesso em 31/03/2020.

⁸ O termo é aqui utilizado para se referir às medidas de fechamento do comércio (lojas, feiras, shopping etc.), suspensão de aulas (escolas, faculdades/universidades), bancos dentre outras instituições públicas e privadas. Todavia, serviços essenciais foram mantidos em todo o país (transporte, supermercados, postos de gasolina, farmácia etc.). Isso evidencia que não houve um isolamento social preventivo e obrigatório de forma homogênea no território nacional. Alguns estados e municípios foram mais rígidos e outro menos, isto é, não tivemos o chamado *lockdown* completo.

⁹ Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm?>>. Acesso em 31/03/2020.

ECO-REBEL

discurso negacionista do coronavírus por parte do presidente. Desse modo, para a presente análise discursiva, levamos em consideração as seguintes inter-relações:

a) Quem enuncia? A esse respeito, temos os pronunciamentos (e atitudes) do presidente da república;

b) Em que contexto se insere esse discurso, isto é, por que foi dito? Quais as reações por parte da opinião pública?

c) Quais as consequências para a vida (humana)? Nesse caso, os impactos na população brasileira?

De modo objetivo, a postura adotada pelo presidente, visão negacionista do coronavírus, é decorrente de sua ação de enfrentamento político partidário diante das medidas de isolamento social implementadas pelos governadores. Dito de outro modo, houve desde o início do combate à pandemia a discordância dessas medidas por parte de Bolsonaro pelo fato deste considerar que a economia brasileira seria imensamente afetada. Reiterando o que disse em seu pronunciamento, no domingo dia 29/03/2020, o presidente visitou algumas regiões administrativas do Distrito Federal (DF), como Ceilândia (cidade mais populosa do DF) e o Setor Sudoeste. Conversou com ambulantes, transeuntes e pessoas que estavam nos estabelecimentos - o que provocou aglomeração devido à sua presença.

Compreendemos que a língua(gem) está intrinsecamente relacionada com a própria visão de mundo ou percepção do real pelo falante/sujeito. Dessa maneira, o que foi dito pelo presidente revela uma interação comunicativa conflituosa com uma parte significativa da sociedade brasileira, com chefes de Estado de outros países e autoridades nacionais e internacionais da área de saúde. A questão posta não se trata ou se resume à mera discordância ou não discordância de uma pauta ou assunto que compõe uma discussão entre interlocutores. Diz respeito a uma prática social e discursiva adotada por um presidente da república num momento de crise sanitária em escala global. Em outras palavras, o dito e o feito expressam posicionamentos políticos e ideológicos que ocasionaram consequências na vida de toda uma população.

Um dos princípios ecológicos defendidos pela Análise do Discurso Ecológica é a comunhão. Nos atos de interação comunicativa (AIC), a comunhão é fundamental para que os interlocutores possam estabelecer o diálogo, a manutenção do fluxo interlocucional, se colocar

ECO-REBEL

numa postura de compartilhamento de ideias, saberes etc. A comunhão é um elemento fundamental para a manutenção da interação estabelecida e de novas a serem realizadas.

Comunhão não é troca de informação propriamente dita, mas a criação de uma predisposição nos indivíduos que estão juntos em determinado espaço para que isso se dê. [...] No caso dos seres vivos, e os humanos não são exceção, sempre que se veem juntos, interagem de alguma forma, mesmo que não tenham nenhum código em comum. Se essa interação for de hostilidade (simbiose desarmônica), poderá haver lutas, redundando até mesmo na eliminação do outro, ou de todos. (COUTO, 2007, p. 118).

Observamos que o discurso adotado pelo presidente reflete uma interação desarmônica, ocasionando um ambiente conflituoso e de desentendimentos com a maioria da população brasileira e representantes dos outros poderes do Estado brasileiro. A prova disso foi a reação de diversos setores da sociedade que teceram críticas ao presidente: jornalistas, especialistas da área de saúde, acadêmicos, gestores públicos, representantes da sociedade civil, políticos, entre outros.

Dentre as manifestações da opinião pública, o presidente e vice-presidente do Senado, Davi Alcolumbre e Antônio Anastasia consideraram grave a posição tomada por Bolsonaro. Os dois ressaltaram em nota: "não é momento de ataque à imprensa e a outros gestores públicos. É momento de união, de serenidade e equilíbrio, de ouvir os técnicos e profissionais da área para que sejam adotadas as precauções e cautelas necessárias para o controle da situação, antes que seja tarde demais"[...] ¹⁰.

Outras autoridades públicas brasileiras também se posicionaram em defesa do isolamento social em discordância ao presidente Jair Bolsonaro ¹¹:

Tudo o que tem ocorrido no mundo leva a crer da necessidade do isolamento, que é para puxar a diminuição de uma curva [do número de casos] e ter atendimento de saúde para população em geral. Momento de solidariedade no nosso país e no mundo todo. (Dias Toffoli, Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), em 30/03/2020).

¹⁰ Conferir em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/alcolumbre-critica-fala-de-bolsonaro-e-pede-uniao-contra-coronavirus.htm?>>. Acesso 31/03/2020.

¹¹ Os trechos referentes ao dia 30/03/2020 estão disponíveis em: <<https://tribunadejundiai.com.br/saude/coronavirus/autoridades-defendem-isolamento-social-para-combater-o-novo-coronavirus/>>. O pronunciamento do Ministro da Saúde pode ser conferido em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/31/mandetta-defende-isolamento-e-pede-uniao-apos-bolsonaro-distorcer-oms.htm>>. Acessos em 02/04/2020.

ECO-REBEL

Vamos ficar em casa, com serenidade, e tudo isso vai passar. (Felipe Santa Cruz, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em 30/03/2020).

Mas, a mim, parece que a orientação do Ministério da Saúde é inconfundível com as posições que estados e municípios vêm defendendo. (Gilmar Mendes, Ministro do Supremo Tribunal Federal, em 30/03/2020).

Nós vamos trabalhar com o máximo de planejamento, e no momento nós vamos fazer sim o máximo de distanciamento social para que a gente possa, chegando ao ponto de falar: 'estamos mais preparados, entendemos aonde vamos'. Aí a gente vai liberando e monitorando pela epidemiologia [...]. (Luiz Henrique Mandetta, Ministro da Saúde, em 31/03/2020).

Ao retornar ao Palácio da Alvorada (ainda no domingo dia 29/03/2020), Bolsonaro criticou novamente a quarentena, considerando exagero as medidas de fechamento do comércio ao se referir a lojas, *shoppings*, feiras, ambulantes e até mesmo a circulação em parques e praias. Ressaltou que o isolamento deveria ser apenas para idosos e grupos de risco. De maneira mais específica, centrou sua preocupação apenas nas questões relativas à economia do país.

Temos um problema do vírus? Temos. Ninguém nega isso daí. Devemos tomar os devidos cuidados com os mais velhos, com as pessoas do grupo de risco. Agora, **o emprego é essencial**. Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô. Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Tomos nós iremos morrer um dia. Queremos poupar a vida? Queremos. Na parte da economia, o Paulo Guedes tá gastando dezenas de bilhões de reais, que é do Orçamento, que é dinheiro do povo, se bem que nem dinheiro é. Pegamos autorização do Congresso para estourar o teto, que vai ser paga essa conta lá na frente (Presidente Jair Bolsonaro - em frente ao Palácio da Alvorada no dia 29/03/2020)¹².

A propagação desse pronunciamento ganhou as ruas, que foi replicado nas redes sociais, sendo defendido por apoiadores do presidente e por alguns setores da sociedade, sobretudo, representantes do comércio e empresários. Esses elementos nos fazem seguir a abordagem analítica aqui proposta, evidenciando um cenário de oposições políticas e ideológicas: o negacionismo do coronavírus; e a defesa do distanciamento social preventivo.

Nesse sentido, o conflito não apenas se manteve como nos remete ao fato de que o discurso do presidente ecoa outras vozes que, assim como ele, consideram que a economia deve ser colocada acima das questões de saúde pública. Dito de outra maneira: o lucro acima da vida. Atestamos que a economia é um elemento primordial para garantia do sustento material de toda

¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/29/bolsonaro-passeia-por-brasilia-um-dia-apos-ministro-da-saude-defender-isolamento-social.ghtml>>. Acesso em 02/04/2020.

ECO-REBEL

população. De modo algum, as questões econômicas devem ser desconsideradas pelo poder público no enfrentamento da crise sanitária do Covid-19. Todavia, é papel dos chefes de Estado e de suas equipes traçarem planos de ação para o enfrentamento da pandemia de modo a integrar os poderes e as instituições públicas e privadas em suas diferentes esferas (federal, estadual e municipal) por meio do planejamento, da criação de estratégias com vistas à destinação de recursos para minimizar os danos/problemas decorrentes do Covid-19.

Vale mencionar que, ao contrário, instalou-se um ambiente de conflitos e embates de natureza política dentro do próprio governo, além daqueles já descritos entre o executivo e outros poderes e entre a esfera federal e as esferas estadual e municipal. Intragoverno, temos o exemplo da exoneração do ex-ministro da saúde Henrique Mandetta no dia 16 de abril de 2020, que deixou a pasta justamente por defender as medidas de isolamento social e, publicamente, se manifestar contrário ao presidente, durante as coletivas de imprensa¹³. Em substituição à Mandetta, foi nomeado um 'novo' ministro da saúde, o médico oncologista Nelson Teich, que assumiu o cargo com o compromisso de estar mais alinhado às ideias do presidente. Todavia, o também agora ex-ministro permaneceu na função por apenas 29 (vinte e nove) dias (17 de abril a 16 de maio de 2020). Novamente, a causa da saída foram as divergências em torno do tema coronavírus. De modo mais objetivo, Nelson Teich também manifestou um posicionamento diferente de Bolsonaro sobre as medidas de isolamento social e a respeito da prescrição da cloroquina no tratamento do Covid-19¹⁴.

Desse modo, o negacionismo do coronavírus e a defesa do distanciamento social preventivo revelam a real necessidade de reflexão a respeito do significado da vida humana e não-humana em nosso planeta. Um dos princípios ecológicos diretamente relacionados a essa questão é a visão de longo prazo. Este seria equivalente à sustentabilidade, um dos conceitos abordados por Capra (1996) ao tratar dos princípios da ecologia e suas aplicações na educação, administração pública e na política no "Epílogo: Alfabetização Ecológica" na obra "A Teia da Vida".

¹³ Ver: Exoneração de Mandetta é publicada no Diário Oficial e Teich é anunciado. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/16/exoneracao-de-mandetta-e-publicada-no-diario-oficial-e-teich-e-anunciado.htm>>. Acesso em 30/04/2020.

¹⁴ A esse respeito, ver: Exoneração de Nelson Teich do Ministério da Saúde é publicada. Disponível em: < <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,exoneracao-de-nelson-teich-do-ministerio-da-saude-e-publicada,70003305006>>. Acesso em 20/05/2020.

ECO-REBEL

Às vezes, pode parecer que determinada atitude seria favorável à vida, mas pode acontecer que isso se dá apenas em uma determinada projeção de curto prazo. É preciso uma visão de longo prazo. A solução de um problema momentâneo pode implicar o aparecimento de problemas mais sérios e insolúveis no futuro. É preciso seguir os passos da natureza, pois ela não tem pressa e suas leis são invioláveis (COUTO, 2007, p. 35).

Conforme mencionado, a preocupação com a economia, o emprego, o sustento das famílias de forma alguma pode ser desconsiderada. Justamente por isso, cabe aos governos não ignorar as reais necessidades pelas quais passam as populações mais vulneráveis, que vivem nas periferias e em situação de rua nos grandes centros, os povos do campo (as comunidades indígenas e quilombolas, os acampados e assentados, os ribeirinhos etc.) dentre outros.

Tais aspectos estão vinculados a outro importante princípio ecológico: a interdependência. O ponto crucial desse conceito é a inter-relação entre os membros de uma comunidade ecológica, a complexa rede de relações das quais fazemos parte e interagimos. Este princípio nos remete novamente à comunhão, assim como à reciprocidade e à cooperação, elementos essenciais para o equilíbrio ecossistêmico.

Aqui, a lição para as comunidades humanas é óbvia. Um dos principais desacordos entre a economia e a ecologia deriva do fato de que a natureza é cíclica, enquanto que nossos sistemas industriais são lineares. Nossas atividades comerciais extraem recursos, transformam-nos em produtos e em resíduos, e vendem os produtos a consumidores, que descartam ainda mais resíduos depois de ter consumido os produtos. Os padrões sustentáveis de produção precisam ser cíclicos, imitando os processos cíclicos da natureza. Para conseguir esses padrões cíclicos, precisamos replanejar num nível fundamental nossas atividades comerciais e nossa economia. (CAPRA, 1996, p. 232).

Notadamente, o atual modelo político-econômico pautado na demasiada exploração da natureza e da força de trabalho, no consumo e descarte exagerados de produtos, na acumulação de riqueza por uma pequena parcela da sociedade e a péssima distribuição de renda para a grande maioria, continua a promover a tensão entre as classes sociais e a comprometer a sustentabilidade ambiental.

Altieri e Nicholls (2020) corroboram a esse respeito ao ressaltar que a pandemia do coronavírus tornou ainda mais evidente a natureza sistêmica de nosso mundo: a saúde humana, animal e ecológica está intimamente ligada. Para os autores, o Covid -19 é um alerta para a

ECO-REBEL

humanidade repensar a maneira de desenvolvimento capitalista, altamente consumista, e as maneiras de se relacionar com a natureza.

O movimento da Ecologia Profunda destaca que a interferência humana na natureza permanece excessiva e continua a piorar. Isso quer dizer que o comportamento humano tanto individual (Ecologia Mental) quanto coletivo (Ecologia Social) diante das questões sócio-ambientais ainda se apresenta demasiadamente desarmônico com o próprio nicho ecológico (Ecologia Ambiental) do qual somos parte integrante.

[...] as economias capitalistas contemporâneas são 70 ou mesmo 80% impulsionadas pelo consumismo. A confiança e o sentimento dos consumidores tornou-se, nos últimos quarenta anos, a chave para a mobilização de uma demanda efetiva e o capital tornou-se cada vez mais orientado pela procura e pelas necessidades. Esta fonte de energia econômica não tem estado sujeita a flutuações bruscas (com algumas exceções, como a erupção vulcânica islandesa que bloqueou os voos transatlânticos por algumas semanas). Mas a COVID-19 não fundamenta uma flutuação brusca, e sim uma queda generalizada no coração da forma de consumismo que domina nos países mais ricos. A forma espiral de acumulação interminável de capital está implodindo, de uma parte do mundo para todas as outras. (HARVEY, 2020, p. 20).

Podemos destacar outro enunciado que integra o negacionismo do coronavírus por parte do presidente Jair Bolsonaro, tendo como base o pronunciamento do dia 24/03/2020. Na ocasião, o presidente mencionou que as pessoas não deveriam se preocupar com a propagação da doença pelo fato desta não causar danos consideráveis àqueles fora do grupo de risco, inclusive citando a sua boa condição de saúde como exemplo: "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar"¹⁵.

A resposta da opinião pública veio de imediato por meio de notícias que circularam, inclusive em jornais e revistas internacionais. Dentre eles, podemos citar¹⁶:

a) A rede britânica BBC: "Enquanto o mundo tenta desesperadamente combater a pandemia de coronavírus, o presidente do Brasil está fazendo o possível para minimizá-la"

b) *The Economist* - Reino Unido: em sua reportagem, a revista fez menção ao presidente como "BolsoNero" - alusão a Nero o imperador Romano.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.moneytimes.com.br/bolsonaro-volta-a-se-referir-ao-coronavirus-como-gripezinha-e-criticar-governadores-por-restricoes/>>. Acesso em 29/03/2020.

¹⁶ Maiores detalhes em: <<https://panoramafarmaceutico.com.br/2020/03/31/jornais-e-revistas-do-mundo-criticam-a-forma-como-bolsonaro-minimiza-a-covid-19/>>.

ECO-REBEL

c) *The New York Times*: replicou um texto da agência de notícias *Reuters*, ressaltando que o posicionamento adotado por Bolsonaro colocava em risco a luta contra o Covid-19.

d) *The Atlantic* - Estados Unidos: deu destaque à visão negacionista do vírus sustentada pelo presidente em outra declaração, no mínimo, polêmica: “brasileiro tem que ser estudado [...] pula no esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele”.

e) *La Nación* - Argentina: o jornal trouxe no título da reportagem a questão da ideologia presente no chamado 'O gabinete do ódio', se referindo ao grupo de consultores que acompanha o presidente em suas decisões, que conta com a presença e participação de Carlos Bolsonaro (seu filho).

f) *Der Spiegel* - Alemanha: o site da revista mencionou as postagens do presidente apagadas no Twitter (vídeos de sua saída pelas regiões administrativas do Distrito Federal em meio às recomendações do isolamento social do Ministério da Saúde e OMS).

g) *Le Monde* - França: o jornal também deu destaque à visita de Bolsonaro por Brasília, evidenciando as contradições de suas ações em relação às recomendações do ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta.

h) *La Repubblica* - Itália: o jornal ressaltou a manutenção do discurso do presidente relativo à reabertura do comércio mesmo diante da ampliação das medidas de isolamento social defendidas pelos representantes políticos de outros países.

Vale salientar que a visão negacionista do coronavírus teve representantes em outras localidades no decorrer da expansão da pandemia pelo mundo. A exemplo, o prefeito de Milão (Itália), Giuseppe Sala, esteve à frente da campanha "Milão não para", em fevereiro de 2020. A campanha defendia a manutenção da economia e a permanência da "normalidade" na vida social da cidade. Como resultado, houve o expressivo aumento no número de casos e de mortos no país (conforme mencionado anteriormente). Cerca de trinta dias depois, o prefeito reconheceu o erro e, em pronunciamento, pediu desculpas ao povo italiano e pediu para que as medidas de isolamento social passassem a ser seguidas.

Algo semelhante ocorreu nos Estados Unidos. O presidente Donald Trump também, em fevereiro de 2020, defendeu o afrouxamento das medidas de isolamento social, deixando claro que a melhor resposta ao enfrentamento da pandemia seria não comprometer a economia do país. O resultado foi ainda mais agravante, e os EUA são hoje o país com o maior número de mortos por

ECO-REBEL

coronavírus no mundo (106.876)¹⁷. Nesse sentido, o presidente Trump mudou o seu posicionamento, inclusive mantendo a permanência das medidas de isolamento social até o mês de junho de 2020.

As referências feitas às notícias, reportagens e/ou comentários de diferentes setores da sociedade criticando a postura do presidente Jair Bolsonaro (e outros chefes de Estado que tiveram posicionamento semelhante) demonstram que, mesmo diante do contexto de crise social e ambiental, de algum modo a luta contra o avanço da pandemia do coronavírus foi ampliada, trazendo à tona o questionamento sobre a lógica de organização social, política e econômica que coloca o lucro e a acumulação acima da justiça social, da sustentabilidade ambiental e até mesmo da vida.

Na verdade, língua e sociedade não estão separadas, mas se constituem mutuamente. A Ecolinguística, porém, dá mais um passo, pois, para ela a língua, os humanos e as sociedades, existem somente no contexto de um mundo maior de plantas, animais, árvores, florestas, rios, montanhas e nuvens. Se quisermos entender a língua, é necessário dirigir nossa vista primeiramente para a sociedade e, em seguida, também para a Ecologia. É preciso começarmos a ver a língua, a Ecologia e a sociedade não como sistemas separados que podem ser estudados isoladamente, mas como aspecto de um sistema reticular maior. (STIBBE, 2017, p. 17).

Ao afirmarmos que para a Análise do Discurso Ecológica a preocupação com a vida é um dos elementos basilares, o negacionismo do coronavírus revela-se incompatível aos princípios ecológicos, pois ao defender o relaxamento das medidas de isolamento social, por mais que haja uma preocupação com a empregabilidade e o sustento das famílias, é justamente a classe menos favorecida economicamente que se coloca numa condição de maior vulnerabilidade e risco de contaminação e morte.

Os impactos econômicos e sociais são filtrados através de discriminações “costumeiras” que estão evidentes em todos os lugares. Para começar, a força de trabalho que se espera que cuide dos números crescentes de doentes é tipicamente altamente sexista, racializada e etnizada na maioria das partes do mundo. Ela reflete a força de trabalho baseada na classe que se encontra, por exemplo, em aeroportos e outros setores logísticos. (HARVEY, 2020, p. 21).

¹⁷ Conforme citado anteriormente, dados da Agência Pan-Americana de Saúde. Disponível em: < <https://ais.paho.org/phis/viz/COVID19Table.asp>>. Acesso em 05/06/2020.

ECO-REBEL

No que diz respeito ao Brasil, os trabalhadores nos grandes centros urbanos foram (e continuam a ser), juntamente com os profissionais da saúde, a parcela mais exposta ao coronavírus nas balsas, ônibus e metrô lotados (transporte coletivo em geral) durante os deslocamentos diários em busca de uma renda para a manutenção das necessidades básicas, como alimentação e moradia.

Esta “nova classe trabalhadora” está na vanguarda e suporta o peso de ser a força de trabalho que corre maior risco de contrair o vírus através de seus empregos ou de ser demitida injustamente por causa da retração econômica imposta pelo vírus. Há, por exemplo, a questão de quem pode e quem não pode trabalhar em casa. Isto agrava a divisão social, assim como a questão de quem pode se isolar ou ficar em quarentena (com ou sem remuneração) em caso de contato ou infecção. (HARVEY, 2020, p. 21).

Tais fatores nos permitem inferir que o negacionismo do coronavírus por parte do presidente (com a anuência de seus apoiadores) contém em sua essência uma linguagem falseadora que quer fazer crer que a acumulação e os imperativos dos lucros econômicos são a única ou principal opção suficientemente capaz de vencer os impactos do Covid-19. Mas nesse momento da história, é preciso perceber que a invisibilidade do vírus torna ainda mais visíveis os problemas sociais e ambientais, que impossibilitam a visão de longo prazo.

Por outro lado, a defesa do distanciamento social preventivo embora contenham em sua essência uma maior aproximação com a valorização da vida e/ou dos princípios ecológicos, este discurso desconexo das práticas sociais, refletidas em políticas públicas de apoio às famílias mais vulneráveis assume papel meramente panfletário, uma oportunidade para que posicionamentos políticos e ideológicos que visam aos interesses próprios se sobreponham ao bem-estar da população.

Observamos ao longo de mais de dois meses a defesa do isolamento social preventivo por parte de governadores, prefeitos, parlamentares entre outros representantes do poder público, mas do ponto de vista da ação, hospitais de campanha não foram montados em tempo, respiradores foram negociados com preços abusivos e muitos não foram entregues, os profissionais da linha de frente, em especial servidores da saúde, não receberam materiais de proteção adequados e muitos estão trabalhando em condições precárias, entre outras tantas questões relacionadas ao contexto da pandemia.

Merece destaque também a precária infraestrutura e a falta de saneamento básico nas periferias como agravantes das medidas de contenção do Covid-19 (e muitas outras doenças):

ECO-REBEL

bairros sem coleta e tratamento de esgoto, sem água tratada, pessoas morando em habitações sem as condições mínimas de higiene ou bem-estar, insuficiência de alimentação e outras condições impróprias para a saúde etc. Em suma, os mais vulneráveis continuam a sofrer as principais consequências da crise sanitária e econômica que se instaurou no contexto do coronavírus.

Pensando no modo como o Estado e a comunidade se constituem, entende-se que há socialmente uma rede de relações conflituosas, apesar de o ideal ser um ambiente plenamente harmonioso e de comunhão. A existência dos conflitos em sociedade está associada a uma infinidade de fatores que corroboram para a segregação entre os indivíduos, entre eles, poderiam ser destacados: a desigualdade social, a divisão de classes, o machismo, a homofobia, o racismo, a intolerância religiosa e política etc. A Ecolinguística ao perceber esses conflitos, busca, além de tentar entendê-los por meio dos estudos da interação comunicativa, encontrar caminhos para amenizá-los ou saná-los, reduzindo o sofrimento, quando possível e buscando formas de exaltar a manutenção da vida". (SILVA, 2017a, p. 89-90).

Desse modo, a defesa do isolamento social preventivo centrada em si mesma não encerra a necessária discussão sobre os impactos das políticas governamentais alijadas aos interesses do capital nos diferentes setores da sociedade e suas consequências na vida das camadas economicamente desfavorecidas (assalariados, ambulantes, camponeses, quilombolas, povos indígenas etc.).

Concretamente, precisamos agitar nossos amigos progressistas e seus ídolos políticos para exigir um aumento maciço da produção de kits de teste, suprimentos de proteção e medicamentos salva-vidas para distribuição gratuita aos países pobres. Cabe a nós assegurar que a garantia de cuidados de saúde universais e de alta qualidade se torne uma política tanto externa como interna. (DAVIS, 2020, p. 12).

Um possível caminho para a adoção de medidas no enfrentamento da crise é justamente pensar na responsabilidade social dos governos, na construção de novos pilares capazes de solucionar/minimizar os conflitos socioambientais ainda presentes em nosso país. Uma política que possibilite novos diálogos para além dos discursos monotemáticos e homogeneizadores.

De qualquer forma, não há como negar que o negacionismo do coronavírus expresso nos pronunciamentos e atos do presidente Jair Bolsonaro, em maior ou menor medida, influenciou no enfraquecimento das medidas de isolamento social preventivo em todo o país. Permanece ainda hoje a sensação de insegurança e a preocupação por parte da maioria da população brasileira, que

ECO-REBEL

tem acompanhado a curva de crescimento dos casos de contaminação e do número de óbitos, motivos suficientes para permanecer seguindo as orientações dos especialistas da área de saúde e, principalmente, da Organização Mundial de Saúde. Em resumo, segundo o relatório da Agência Pan-Americana de Saúde, divulgado em 04 de junho de 2020, o Brasil alcançou a marca de 584.016 casos confirmados e 32.548 óbitos por coronavírus¹⁸.

Cumpramos destacar que a perspectiva teórica adotada pela Análise do Discurso Ecológica evidencia o compromisso em defesa da vida na busca por minimizar os problemas socioambientais a partir da aplicação dos princípios ecológicos. Consideramos que uma das vias para que isso alcance a materialidade, ou seja, ganhe patamares reais em nossa sociedade é a partir da ética do cuidado ou da natureza do cuidado essencial. Para Boff (1999, p. 2), "o cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir".

Nesse sentido, podemos observar que o negacionismo do coronavírus, assim como o distanciamento social preventivo desvinculado de uma ação prática de suporte às camadas mais necessitadas revelam a falta de cuidado em relação ao outro e, principalmente, àqueles mais vulneráveis de nossa sociedade. Em outras palavras, enquanto a lógica de organização social fundamentada na economia enfatiza a competição, a expansão e a dominação, a ética do cuidado apoia-se na ecologia, voltando-se para a cooperação, a conservação e a parceria (CAPRA, 1996; BOFF, 1999).

Segundo Capra (1996), a cooperação é uma característica essencial para a manutenção da sustentabilidade, exigindo uma dinâmica de mudança individual e coletiva de modo que cada um entenda as necessidades dos outros - o que significa ao mesmo tempo democracia e poder pessoal, uma vez que cada membro da comunidade desempenha importante papel no conjunto da natureza.

Boff (1999) corrobora com isso ao destacar inúmeros exemplos de descaso, abandono, que são na verdade a falta de cuidado em nossa sociedade como consequência da hegemonia do individualismo, do menosprezo à cooperação e à solidariedade:

a) descuido e um descaso pela vida inocente de crianças, a exemplo do trabalho infantil e de maneira mais extremada, aquelas que são vítimas do tráfico de drogas e milícias armadas em diversos países;

¹⁸ Disponível em: < <https://ais.paho.org/phis/viz/COVID19Table.asp>>. Acesso em 05/06/2020.

ECO-REBEL

b) descuido e um descaso com os pobres e marginalizados, acometidos pela fome crônica e diversos tipos de doenças;

c) descuido e um descaso imenso pela sorte dos desempregados e aposentados, que se encontram excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros econômicos;

d) descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades, marcada por uma grande maioria de habitantes desenraizados culturalmente e alienados socialmente;

e) descuido e um descaso pela coisa pública, principalmente com a destinação insuficiente de recursos sociais na estruturação de políticas públicas para as camadas pobres, tais como investimentos sociais em segurança alimentar, em saúde, em educação e em moradia;

f) descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública, caracterizada pela corrupção, pelo poder de grupos envolvidos em interesses meramente corporativos, resultando em injustiça e violência sobre a humanidade;

g) um descuido e um descaso em relação à preservação ambiental dos ecossistemas: envenenamento dos solos, contaminação dos ares, poluição das águas, destruição das florestas e extermínio de seres vivos;

h) um descuido e descaso generalizado nas políticas de habitação, de tal forma que milhares de famílias são obrigadas a viver em cômodos insalubres, em favelas sem qualquer qualidade de vida, sob a permanente ameaça de deslizamentos, que faz milhares de vítimas todos os anos.

Todas essas questões nos remetem a um ponto importante: os discursos estão inter-relacionados ao modo de pensar, sentir e agir dos sujeitos individual e coletivamente, ou seja, às manifestações humanas historicamente construídas e estas tomam forma nas relações políticas ou de poder, nas interações sociais, nas crenças e tradições, nos sistemas de saberes etc. Desse modo, consideramos que a partir dos princípios ecológicos também é possível analisar as questões políticas e ideológicas que compreendem o processo de interação comunicativa no ecossistema social.

Por fim, os princípios ecológicos da comunhão, da interdependência e da visão de longo prazo podem ser concebidos como elementos integrantes de uma prática discursiva que preze pelo cuidado, que nos direcione a um novo contrato social, assentado na valorização das diferenças, no acolhimento das complementaridades e na convergência construída a partir de, modos de produção sustentáveis, na diversidade de culturas, tradições e de sentidos da vida, conforme nos alerta Boff (1999). Nas palavras do próprio autor: "Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange

ECO-REBEL

mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro" (p. 12).

Considerações finais

Os problemas causados pelo coronavírus não são exclusividade de nosso território, sua abrangência é transfronteiriça, conforme constatado pela atual crise sanitária e econômica causada pela pandemia, situação que estamos vivenciando e tema aqui abordado sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica.

Retomemos, então, os dois pontos que direcionaram o foco da discussão: o negacionismo do coronavírus; e a defesa do isolamento social preventivo. Primeiramente, compreendemos que os enunciados extraídos de pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro a respeito do coronavírus (citados ao longo do texto) integram o primeiro discurso:

1) Negacionismo dos riscos ou da gravidade do coronavírus:

- a) Nossa vida tem que continuar;
- b) Devemos, sim, voltar a normalidade;
- c) Temos um problema do vírus? Temos. Ninguém nega isso daí. Devemos tomar os devidos cuidados com os mais velhos, com as pessoas do grupo de risco. Agora, o emprego é essencial.

Noutra posição, ressaltamos as respostas de representantes do poder público que se manifestaram contrários ao presidente. Tais enunciados dão corpo ao segundo discurso:

2) a defesa do isolamento social como principal medida de prevenção e combate ao coronavírus:

- a) É momento de união, de serenidade e equilíbrio, de ouvir os técnicos e profissionais da área para que sejam adotadas as precauções e cautelas necessárias para o controle da situação, antes que seja tarde demais (Davi Alcolumbre e Antônio Anastasia - em nota);
- b) Tudo o que tem ocorrido no mundo leva a crer da necessidade do isolamento [...] (Dias Toffoli);

ECO-REBEL

- c) Mas, a mim, parece que a orientação do Ministério da Saúde é inconfundível com as posições que estados e municípios vêm defendendo (Gilmar Mendes);
- d) Nós vamos trabalhar com o máximo de planejamento, e no momento nós vamos fazer sim o máximo de distanciamento social para que a gente possa, chegando ao ponto de falar: 'estamos mais preparados, entendemos aonde vamos' (Luiz Henrique Mandetta).

Enfatizamos que o primeiro discurso assume uma perspectiva que se distancia (e até mesmo se apresenta contrária) aos princípios ecológicos da comunhão, da interdependência e da visão de longo prazo, conforme exposto ao longo do texto. Isso decorre da sobreposição das questões econômicas sobre as questões socioambientais, características do modo de produção capitalista ou do paradigma antropocêntrico, que atribui menor valor à vida das pessoas mais vulneráveis: aqueles que sobrevivem sem possuir uma renda fixa, trabalhadores assalariados que pegam ônibus/metrô lotado todos os dias, pagam aluguel, moram nos morros, favelas ou em situação de rua, dentre tantos outros atores sociais subjugados pelo capital (sem a garantia dos direitos básicos, como moradia, saúde, saneamento básico, alimentação etc.). Este mesmo modelo político-econômico tem causado significativos danos aos ecossistemas, como: desmatamento, poluição do ar e das águas, extinção de espécies, entre tantos outros fatores.

No que diz respeito ao segundo discurso, embora este apresente uma preocupação com a vida, aproximando-se dos princípios ecológicos elencados, a simples defesa do isolamento social como medida de prevenção e combate ao coronavírus não pode se apresentar desvinculada de um cuidado com as condições materiais de garantia do sustento dos mais vulneráveis neste momento e no pós-pandemia.

Em meio a todas essas questões, cumpre salientar os inúmeros debates científicos acerca da temática 'coronavírus' que têm ocorrido em âmbito global desde o início da pandemia. Observamos o esforço de cientistas de várias partes do mundo ao realizar estudos e pesquisas voltadas à compreensão das causas, efeitos, modos de prevenção, produção de vacinas, cuidados com o tratamento de doentes etc., ou seja, as estratégias adequadas para o enfrentamento do Covid-19.

Por outro lado, observamos que as práticas discursivas dos representantes do poder público (seja no Brasil ou em outras países) podem influenciar na forma de enfrentamento da crise

ECO-REBEL

pandêmica. Em outras palavras, o controle ou a ampliação descontrolada dos casos de contaminação e morte por coronavírus mantém relação com as questões políticas, com o nível de organização dos gestores públicos e com o grau de envolvimento da sociedade como um todo.

Dessa forma, outras perspectivas devem ser consideradas para a reversão do quadro de crise do capital, que se revela ampliado diante do atual contexto da pandemia. Merece destaque a busca por formas de produção que privilegiem o desenvolvimento local e regional que tenham como abrangência menores escalas de impacto, visando sobretudo ao equilíbrio, à justiça social e à sustentabilidade ambiental.

Além disso, outros saberes e epistemologias devem/precisam ser considerados para se (re)pensar a nossa maneira de interagir uns com os outros e com os nichos ecológicos. Os saberes originários, os modos de vida dos povos indígenas, dos quilombolas e outros povos tradicionais e do campo nos indicam caminhos de como viver em comunhão com e na natureza a partir de outras formas de fazer política, lidar com a terra, produzir e consumir nossos alimentos, valorizar as tradições e os mistérios da espiritualidade, entre tantas outras lições¹⁹. Por fim, talvez o único consenso em torno da discussão sobre o coronavírus seja o fato de que este imprimiu sobre nós a urgência de pensarmos novas formas de (con)viver no planeta.

Referências

- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés. La Agroecología en tiempos del COVID-19. Disponível em: < <https://www.clacso.org/a-agroecologia-nos-tempos-do-covid-19/>>. Acesso em: 12/04/2020.
- BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- COUTO, Elza Kioko N. N. do. *Ecolinguística e Imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- _____. et al. (orgs.). *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e metáforas*. Brasília: Thesaurus, 2014.
- _____. ALBUQUERQUE, Davi B. de. *Linguística Ecológica & Análise do Discurso Ecológica: teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

¹⁹ Uma importante discussão sobre os saberes originários e a crítica ao modo de produção capitalista é feita pelo intelectual e liderança indígena Daniel Iberê em: IBERÊ, Daniel. **IIRSA: A Serpente do Capital: pilhagem, exploração e destruição cultural na América Latina** (Santo Antônio e Jirau). Rio Branco: Edufac, 2015.

ECO-REBEL

_____. et al. *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza K. N. N. do. Análise do Discurso Ecológica (ADE). In: *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

DAVIS, Mike. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. In: _____. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DOURADO, Zilda. Concepções de língua e discurso na Análise do Discurso Ecológica. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (Orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017.

HARVEY, David. *Política anticapitalista en la época de COVID-19*. In: DAVIS, Mike. et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

SILVA, Anderson Nowogrodzki da. Reflexões sobre a perspectiva política que subjaz à Ecolinguística. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017a.

SILVA, Samuel de Sousa. Fundamentos Filosóficos da Linguística Ecosistêmica e da Análise do Discurso Ecológica. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017b.

STIBBE, Arran. A Ecolinguística e a virada ecológica nas humanidades e nas ciências sociais. In: COUTO, Elza K. N. N. do. et al (orgs.). *Linguística Ecosistêmica: 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 2017.

Aceito em 31/07/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 3, 2020.